

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

11 de Dezembro de 2023

HOURS AND HOURS – OS FILMES PARA TELEVISÃO DOS GRANDES MESTRES DE HOLLYWOOD

FRIGHTENED DOLL / 1961

Argumento: A. I. Bezzerides / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco, formato 1x33):* Hal Mohr / *Cenários:* Ralph Berger, Albert M. Pyke / *Figurinos:* Werlé / *Música:* Earl Hagen (tema da série) / *Montagem:* Bruce Schoengarth / *Som:* Leon M. Leon (gravação), Jack Finlay (montagem) / *Interpretação:* Barbara Stanwyck (*a própria/Hazel*), Wallace Ford (*Harry*), Harold J. Stone (*Jake Lytell*), Rex Holman (*Cutty*), Frank Leo (*Mangione*), Jack Searl (*Rascoe*), Wallace Rooney (*Capitão Foyle*), Lee Friederich (*Detetive Barnes*), Eloie Hardt (*a loura*).

Produção: Desilu Studios (Los Angeles) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 26 minutos / *Estreia mundial:* 24 de Abril de 1961, na televisão americana (NBC) / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

SIGN OF THE ZODIAC / 1961

Argumento: A. I. Bezzerides / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco, formato 1x33):* Hal Mohr / *Cenários:* Roland M. Brooks, Albert M. Pyke / *Figurinos:* Neva Ramos / *Música:* Earl Hagen (tema da série) / *Montagem:* Bruce Schoengarth / *Som:* Harold Hanks, Jack Finlay (montagem) / *Interpretação:* Barbara Stanwyck (*a própria/Madge Terry*), Dan Duryea (*Pierre*), Joan Blondell (*Helene Terry*), Helen Hatch (*Elsie*), James Chandler (*o tenente*), Charles Anthony Hughes (*o guarda*),

Produção: Desilu Studios (Los Angeles) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 26 minutos / *Estreia mundial:* 3 de Abril de 1961, na televisão americana (NBC) / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

ADVENTURE ON HAPPINESS STREET / 1961

Argumento: A. I. Bezzerides / *Diretor de fotografia (35 mm, preto & branco, formato 1x33):* Hal Mohr / *Figurinos:* Werlé / *Música:* Earl Hagen (tema da série) / *Interpretação:* Barbara Stanwyck (*a própria/Josephine Little*), Lew Ayres (*Dr. Paul Harris*), Robert Culp (*Archie Bishop*), Allen Jung, Victor Sem Yun.

Produção: Desilu Studios (Los Angeles) / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 23 minutos / *Estreia mundial:* 20 de Maio de 1961, na televisão americana (NBC) / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Filmes de Jacques Tourneur

AVISO: as cópias, provenientes da televisão, têm, devido a este facto, alguma deficiência na nitidez da imagem, especialmente ADVENTURE ON HAPPINESS STREET.

Barbara Stanwyck é uma das grandes figuras de atriz do período clássico de Hollywood e fez uma carreira de envergadura, mas nunca foi uma super-star. Graças a isto não foi rapidamente estereotipada como as suas contemporâneas Katherine Hepburn (eterna “menina bem” doidivanas) ou Bette Davis (“má” em variados formatos e feitios). Stanwyck pôde mostrar o seu talento e, por conseguinte, a sua versatilidade em papéis totalmente diferentes, cómicos e dramáticos, por vezes na pele de mulheres masculinas, obviamente lésbicas, que podem ser dona de um *ranch* ou proxeneta. Mas, como sempre foi e continua a ser o caso em Hollywood, Steve dificuldade em encontrar papéis a partir de uma certa idade. Depois de um desempenho excepcional num filme igualmente excepcional, **Forty Guns** (1957), de Samuel Fuller, ficou quatro anos sem

receber convite algum para filmar. Voltou-se então para a televisão, que já tinha recuperado diversos gêneros cinematográficos, como o western e o filme de gangsters, em memoráveis séries, assim como tinha recuperado alguns realizadores e atores. Teve ela então o seu **The Barbara Stanwyck Show**, produzido pela NBC, que teve trinta e seis episódios de meia hora, difundidos entre Setembro de 1960 e Maio de 1961 o que significa que teve fraco êxito, pois muitas séries de televisão duravam anos a fio. Neste período outros nomes do cinema tiveram o seu programa de televisão, como Loretta Young, Alfred Hitchcock e Boris Karloff, com episódios narrativos de trinta minutos. Como naqueles programas, Barbara Stanwyck aparece no começo do seu *show* no seu próprio papel, sempre com uma roupa diferente, a apresentar o episódio e volta a surgir no fim para falar do próximo. Estranhamente para uma atriz tão experiente parece pouco segura de si. Alguns críticos especulam, talvez com razão, que a ideia de Barbara Stanwyck ao fazer esta série era lembrar aos produtores que existia, para voltar ao grande ecrã, o que não aconteceu realmente. Os três episódios que vamos ver, assim como outros oito da série, foram realizados por Jacques Tourneur, cujo valor só tinha sido reconhecido até então por excêntricos cinéfilos franceses e se encontrava numa fase de declínio profissional, agravada pelo alcoolismo e que também passara a trabalhar para a televisão.

O formato narrativo de trinta minutos, excelente para captar a atenção do espectador depois de um dia de trabalho ou de estudos, faz com que as narrativas tenham de ser ao mesmo tempo densas e parcelares, com diálogos explicativos sobre o passado dos personagens, elipses, por vezes um desenlace abrupto (o que é evidente, nesta sessão, em **Frightened Doll**), mas também uma grande densidade narrativa, devido à falta de cenas de ligação (é fácil imaginar que magnífica longa-metragem poderia ter sido extraída do material narrativo de **The Signs of the Zodiac**, onde outro grande nome do cinema clássico, o *tough guy* Dan Duryea, também buscou abrigo à sombra de televisão). Jacques Tourneur sempre foi um mestre da elipse, do não dito e mesmo do não mostrado, pois era partidário de não mostrar o monstro num filme de terror. Além disso, só fez filmes de série B, de cujos escassos meios arrancou a máxima beleza, realizados em condições semelhantes às da televisão, o que contribuiu sem dúvida para pô-lo à vontade neste trabalho.

Como Roberto Rossellini, Barbara Stanwyck era da absurda opinião de que não há diferença entre cinema e televisão, como se a experiência de ver duas horas de cinema numa sala às escuras e meia hora de televisão em casa, com a luz acesa, as conversas e as interrupções telefónicas, fosse a mesma coisa, como se a relação do espectador com aquilo que vê e a do realizador com aquilo que mostra fosse a mesma. A brutal diferença entre cinema e televisão determina a natureza destes três episódios que reúnem uma grande atriz e um grande realizador no rarefeito espaço televisivo. Os escassos meios disponíveis fazem que, como é regra na televisão, não haja sequências rodadas ao ar livre e mal se repare nos modestíssimos cenários. As limitações, ou seja, as características do formato televisivo (impossibilidade de planos gerais, predominância dos planos médios) fazem com que o efeito narrativo dependa pouco dos efeitos visuais e sonoros e muito da trama propriamente dita e da presença dos atores, com a criação de um ambiente de incerteza, como num *thriller*. Os três episódios aqui apresentados ilustram diferentes gêneros ou sub-gêneros vindos do cinema, uma história com a Máfia, uma intriga de mistério, um episódio num país em guerra. São ao mesmo tempo episódios completos de televisão e embriões de filmes de longa-metragem, foram feitos num momento em que a televisão absorvera diversas personalidades do cinema mas ainda não absorvera o cinema propriamente dito.

Antonio Rodrigues